



Universidade Federal do Rio Grande - FURG

Revista Eletrônica do Mestrado em Educação Ambiental

Revista do PPGEA/FURG-RS

ISSN 1517-1256

Programa de Pós-Graduação em Educação Ambiental

GODDESS OF FERTILITY: UMA ANÁLISE SOBRE O SIGNO FEMININO ORIENTAL E SUA RELAÇÃO COM A ERÓTICA – PERCEPÇÕES ACERCA DO ECOMUNITARISMO

André Luiz Portanova Laborde¹

Cíntia Pereira Barenho²

Maicon Dourado Bravo³

RESUMO

O presente artigo tem a finalidade de discutir acerca do signo feminino e sua representação simbólica no ecomunitarismo e no imaginário mitológico oriental, em uma tentativa de compreender como se estabelecem seus papéis junto ao entendimento de erótica. Nesse sentido, buscamos um diálogo com Jung, através dos conceitos de animus-anima, para tentar abarcar o feminino e masculino, não como sinônimos de homem e mulher, mas envolvendo suas realidades às experiências heteroeróticas e homoeróticas sem segregação de atributo e sexo, percebendo a relevância do feminino nessas mediações.

Palavras-Chave: Ecomunitarismo; Erótica; Feminino.

ABSTRACT

The present article has the purpose to discuss around the female sign and their symbolical representation in the ecomunitarism and in the oriental mythological imaginary, in a try to comprehend how they establishes their own characters next to the understanding of erotic. In this way, we search by a dialogue with Jung, across the concepts of animus-anima, to try to approach the female and male, not like a synonymous of man and woman, but involving their realities to experiences heteroerotic and homoerotic without segregation of attribute and sex, perceiving the relevance of female in these mediations.

Keywords: Ecomunitarism; Erotic; Female.

¹ Professor substituto do Instituto de Ciências Humanas e da Informação ICHI/FURG; Licenciado e Bacharel em História; Mestre em Educação Ambiental pelo Programa de Pós-Graduação em Educação Ambiental da Universidade Federal do Rio Grande; andre.laborde@gmail.com

² Mestre em Educação Ambiental pelo Programa de Pós-Graduação em Educação Ambiental da Universidade Federal do Rio Grande; Licenciada e bacharel em Biologia pela Universidade Federal de Pelotas; Coordenadora do Centro de Estudos Ambientais – CEA.

³ Licenciado e Bacharel em História; Especialista em História do Rio Grande do Sul; pela Universidade Federal do Rio Grande; maiconbravo@yahoo.com.br

Considerações Iniciais

As relações entre o universo feminino e a esfera sagrada guardam uma ligação muito peculiar, ou seja, a mulher e conseqüentemente o transcendental estão vinculados, intimamente, à magia, aos mistérios da fertilidade e principalmente ao oculto. Essa conexão foi à premissa que justifica, no passado, a perseguição às mulheres, como também o seu lugar na sociedade perante o sistema exclusivista patriarcal.

Além disso, o signo feminino era reverenciado, nos primórdios da civilização, como o grande útero que faz germinar o alimento, com o intuito de prover o ser humano. Assim, a mulher assumia um papel de caráter religioso bastante significativo, pois, estava vinculada com a terra. Daí se percebe a relação do feminino com o universo, dessa forma unindo a mulher à fecundidade, à fertilidade e fundamentalmente ao sagrado.⁴

Percebemos que a gênese do princípio feminino, tanto no ocidente como no oriente, se calca sob a égide da fé. Mas para a estrutura hierárquica das sociedades ocidentais, a igualdade preconizada pelo elemento “salvador”, cedeu diante dos obstáculos nascidos do contexto cultural no qual o cristianismo se difundiu. Depois de muitos conclave, a Igreja começou a venerar a Mãe de deus, a virgem Maria, instituindo-a como modelo de mulher para o sexo feminino, porém continuou vendo a mulher como causa de todos os pecados do mundo e fonte de perdição (FONTANEL, 1998:16).

Dessa forma, tencionamos realizar um diálogo entre a Erótica – presente da ordem social utópica pós-capitalista: Ecomunitarismo – e o imaginário oriental⁵, e uma tentativa de vislumbrar com se dão suas relações de gênero e suas contribuições para com a manipulação de suas sexualidades, enquanto mecanismos balizadores de ética.

Reflexões em torno do Hinduísmo

O Hinduísmo se situa entre as grandes mitologias arianas, lembrando muito a mitologia grega. No entanto se observa no hinduísmo a presença de um princípio supremo,

⁴ Sagrado: Em sentido amplo, o sagrado é o que é protegido, pela religião ou não, de violação, intrusão e profanação. [...] não é sinônimo de santo. [...] sagrado tem o significado de respeitado, venerado e inviolável. [...] uma grande variedade de objetos, práticas, lugares, costumes e idéias religiosas ou não religiosas pode adquirir um caráter sagrado. EBERSOLE, Luke. “Sobre o Sagrado” In: SILVA, Benedicto (coord.) Dicionário de Ciências Sociais. Rio de Janeiro: Fundação Getúlio Vargas, 1986. p 1095.

⁵ Na experiência da mitologia Indiana.

absoluto e infinito que podemos identificar por *Brahman*⁶, este revela toda a essência da religião. Mesmo sendo o Brahman o princípio absoluto, percebemos uma bipolaridade de potências em relação à figura do *Atman*, que é a manifestação desse *Brahman* dentro do ser humano (essência/alma). “Por sua vez o Atman é o princípio universal que ilumina todo o indivíduo empírico, o sopro de eternidade contido em toda forma da existência que se transforma”⁷. Ocorre na experiência hinduísta uma sucessão infinita de manifestações (vidas) em um ciclo de renascimentos que são regidos pelo *Karma*⁸, a lei que da retribuição dos atos, porém o Atman permanece e se envolve nesse ciclo. O objetivo da existência é a busca interior que permita o ser humano compreender que o infinito em nós (*Atman*) e o absoluto (*Brahman*) são a mesma realidade.

A ótica hinduísta perpassa todas as esferas da vida, reverenciado-as com leis de pureza e os rituais, na convicção de que o significado da existência e a harmonia do mundo estão regrados por uma lei verdadeira e eterna: eis o *Dharma*. Aliás, a ordem do cosmos se percebe na ordem social, ou seja, na vida do indivíduo, se reflete os preceitos do vedas uma vez que estes regulam a vida e auxiliam a manutenção da relação *Dharma/karma*.

Todo pensamento hinduísta é atravessado pelo sentido do conflito e, ao mesmo tempo, da união última entre bondade da regra sagrada e o valor criativo da desordem, entre a beleza da vida e ao sentido de seu caráter ilusório, entre desejo e renúncia⁹.

Dessa maneira, o pensamento hindu encarna alguns preceitos morais como: ética, estética, virtude/fé. Assim entende-se essa organização entre conflito e união, como um espelho da relação sagrado/profano, deus/homem, céu/terra. Enfim, a particularidade

⁶ O núcleo da experiência espiritual hinduísta é a fé em um absoluto, o Brahman, a única realidade verdadeira, incriada, fonte primeira e fim último de toda forma do cosmo, concebido também como um deus supremo pessoal (Trimurti: Brahma/ Vishnu/ Shiva) Brahman é o Uno e também o Tudo. Na realidade o Hinduísmo se apresenta panteísta na forma, mas monoteísta na essência, pois, todas as representações (Deidades/ Deuses) acabam sendo manifestações do supremo que é o Brahman. Então podemos dizer que o Hinduísmo é monoético porque visa o alcance e a ligação do eu/alma (Atman) com o eu superior Brahman.

⁷ MASSIMO, 2005:25.

⁸ Da raiz *Kr*: fazer, obra, ação, rito execução. É a lei da ação e divide-se em três momentos ou etapas, a saber: Sanchita-Karma (Sanchita: acumulado, amontoado) é o resultado de todas as nossas ações passadas, mas que ainda não começaram a germinar, amadurecer e transformar-se na colheita de uma vida; Prarabda Karma (da raiz *Prakk*: antecipado; e *arabda*: começando) é o Karma escolhido e acumulado no passado, mas que já começou a produzir frutos na forma de acontecimentos presentes. É a parte do Sanchita que vai ser vivida no momento atual. *Agami-Karma* (Agami: vindouro) é o destino que ainda não temos assumido aquele que, sendo efetuado (semeado) agora, será incluído em Sanchita. Sintetizando, *Karma* é a lei de ação e reação, de causa e efeito. ROHDEN, Huberto. Bhagavad-Gita. 1. ed. São Paulo: Martin Claret, 2005.

⁹ MASSIMO, 2005:26.

metafísica indiana representa esse movimento nas suas inter-relações com a sociedade e substancialmente com a realidade oriental.

O hinduísmo vai nos revelar uma visão bramânica do mundo, mesmo tendo várias fases o hinduísmo se centrou desde seus primórdios nos preceitos védicos de explicação da vida. Portanto, iremos elencar aqui, o processo de construção desse pensamento e investigar também qual a sua importância para o nosso estudo. Entretanto, já adiantamos que a religião hindu mesmo em sua diversidade de enfoques está presente e faz parte do processo de construção da mentalidade indiana e substancialmente da oriental. Dessa forma, a presença do *Kama Sutra*¹⁰, em sua dimensão erótica, se revela enquanto literatura nesse cenário permeado pelo hinduísmo, vai ser colocada de lado de forma providencial, pois o hinduísmo sendo basicamente liderado pelo princípio bramânico, em sua essência não vai querer dar vazão a uma literatura que possa dividir a atenção da sociedade encorajando outro tipo de busca.

Mesmo assim, dentro do hinduísmo se menciona o papel do *Kama Sutra* através da sua atribuição a figura de *Shiva*. Existe nesta religião a representação da figura do *Brahman* associada à *Trimurti*¹¹, que é uma espécie de tríade que tem o caráter de sustentáculo simbólico para os hindus. Essa trimurti é percebida através das figuras de *Brahma*, o criador, *Vishnu*, o preservador e *Shiva*, o destruidor e transformador. A *Shiva* é relegado o domínio do sexo como forma de *yoga*¹², ou seja, como mecanismo de alcance ao sagrado, uma vez que se apresenta como chave à transcendência do espírito.

Portanto, os cultos a *Shiva* estão ligados diretamente a alguns preceitos do *Kama Sutra* e em especial ao papel da mulher nesse processo. A presença da figura das *Shaktis*¹³ que junto ao cortejo de *Shiva* são reconhecidas por: *Umâ*, *Durgâ* e *Kali*¹⁴ vão acentuar e, de certa forma, revelar a grande diferença da visualização da mulher nesse contexto oriental.

¹⁰ O Kama Sutra ou Aforismo sobre o amor é a obra mais importante, a mais célebre da literatura Hindu. Seu autor Vatzayana viveu o I e o IV século da era cristã. O Kama Sutra é composto por cerca de duzentos e cinquenta versos que versam sobre um tratado de moral sexual, precedido de um curso de filosofia para uso de ambos os sexos numa busca incessante pelo amor universal. Kama – deus do amor- e Sutra – lições- Lêem-se então: Lições de amor. A recomendação do texto é associar o Dharma ao prazer sensual como forma de unir-se ao sagrado. As lições do Kama Sutra no que tange yoga e os mudras são os mecanismos de se atingirem a realidade divina. VATZAYANA. *Kama Sutra*: O livro sagrado dos brâmanes da Índia. Trad. Isidoro Liseux. 4. ed. São Paulo: Edições e publicações do Brasil editora S.A, 1930.

¹¹ Trimurti: Brahma/ Vishnu/ Shiva. Sachchidânanda (Sat- Chit- Ananda) - ser, consciência, felicidade – Representação da realidade última, transcendência. Trindade Hindu. STODDART, William. O Hinduísmo. 1. ed. São Paulo: Ibrasa, 2004. p 32.

¹² Yoga: Da raiz *Yuj*: Unir. União, conexão, Harmonia, relação. É a perfeita união do homem com a divindade. Patanjali define Yôga como a arte de suspender ou deter as funções da mente. ROHDEN, Op. Cit. p 141.

¹³ Shakti: Elemento feminino que compõem o princípio do universo (masculino/feminino) na trimurti hindu. Consortes. CAPRA, Fritjof. O Tao da Física. 5. ed. São Paulo: Cultrix, 1998. p 74.

¹⁴ Shakti de Shiva: Parvati (Umâ, Durgâ e Kali) são suas representações. STODDART, Op. Cit. p 35.

Outro conceito a respeito da composição do pensamento em torno do hinduísmo que vale a pena realçar é a constituição do significado de realidade. Sob a ótica do hinduísmo o mundo em sua plena configuração se apresenta falso (*Maya*), uma percepção¹⁵ ilusória, dessa maneira Brahman é o verdadeiro princípio das coisas (real).

O termo maya (o relativo) é geralmente usado com o significado de ‘o falso’ (ou ilusório). Maya, contudo, pode também ser considerado positivamente como Krishna – Lîlâ: ‘jogo divino’, ‘arte divina’, ‘magia divina’ ou ‘aparência’. No processo que leva à manifestação, o Ser (Îshvara) polariza-se em um princípio ativo ou masculino, Purusha, e em um princípio passivo ou feminino, Prakriti. Da interação desses dois princípios parentais nasce à existência ou manifestação (samsâra ou Jagat)¹⁶.

Em suma, a Contribuição do hinduísmo nesse estudo tange a esse caráter representativo que acabamos de apresentar. No entanto, sabemos que ainda se revelam inúmeras lacunas acerca da religião. Entretanto, não se pretende esgotar aqui essa discussão, ao longo da análise ainda iremos recorrer a essa abordagem, porém cabe lembrar que o referido sistema religioso denota uma infinidade complexa de nuances a respeito do tema, o qual se tentará elucidar de acordo com a necessidade da nossa investigação.

O Tantra e sua dimensão erótica

A realidade do tantra¹⁷ hinduísta baseia-se em uma face distinta, em parte, por aquela ilustrada no Veda. Suas raízes são um tanto quanto envoltas por brumas. Sabe-se que teve forte influência de ascetas errantes de origem *drávida* que cultuavam seu desenvolvimento pleno, mais associado ao que podemos identificar de hinduísmo védico¹⁸. É postulado por antigas práticas de povos autóctones (drávidicos) que possuíam uma cultura ancestral aos dos

¹⁵ O poder cósmico que faz possível a existência fenomênica e as percepções da mesma. De acordo com a filosofia Hindu, somente aquilo que é imutável e eterno merece o nome de realidade; tudo o que está sujeito à mudança e que, portanto, tem por princípio e fim é considerado Maya. Às vezes é tida por ilusão. ROHDEN, Op. Cit. p 135.

¹⁶ STODDART, 2004:29.

¹⁷ A disciplina física e mental para a libertação utiliza no início as técnicas de *Hathayoga*, que combinam posições do corpo, controle da respiração e exercícios de contemplação. [...] Os caminhos que trazem em si o poder divino são os mantras (sons sagrados), os mandâla (diagramas do universo) e os mudras (gestos de mãos e posições do corpo que simbolizam gestos metafísicos). Tantra (Sânscrito: tratado sobre ritual, meditação e disciplina), yoga tântrico ou tantrismo é uma filosofia essencialmente prática que tem por objectivo o desenvolvimento integral do ser humano nos seus aspectos físico, mental e espiritual. É muito mais antigo que as várias tradições esotéricas com raízes na filosofia hinduísta e budista, remontando a sua origem a pelo menos 5000 AC. Id. Ibid. p 76.

¹⁸ Pode-se dizer que o hinduísmo védico se reporta a era de conhecimento drávidico (pré-brâmane). STODDART, Op. Cit. p 33.

invasores arianos. Além disso, era regido por visões místicas, propiciadas por xamãs centro-asiáticos através de *yogas*.

Essa doutrina religiosa encontrou repouso em alguns princípios dos *Vedas*, como no *Atharva e Yajur veda*. O Tantra se difundiu em regiões de fronteira, no Kasmir, a Bengala, o Assam que eram áreas onde a influência bramânica não obteve muito respaldo. Após as primeiras eras da era cristã o tantrismo ocupou espaço e se configurou como religião autônoma. “Entre os séculos VI e VIII aparece bem radicado na tradição indiana, e difunde-se também nos centros de cultura e de saber tradicional do hinduísmo, que testemunharam o florescer da literatura tântrica culta”¹⁹.

Sobretudo, temos a respeito dessa literatura a presença da cultura shivaísta (*Shiva-gama*) bem como as *Vaisnava Samhitã vishnuístas*, que são textos que revelam um altíssimo teor a respeito da revelação espiritual profunda (*Sruti védica*). Onde o tantrismo encontra um caráter filosófico e ritual passados de mestre a iniciado. A finalidade mais acentuada da doutrina tântrica conseguiu, atingir em um dado momento, sua presença por toda Índia onde manifestou, ou melhor, dizendo, exerceu influência em todas as tradições religiosas.

A resposta do tantrismo constitui-se numa nova perspectiva: o mundo era a realidade, a existência estava ligada ao desejo e o fim último do desejo era um retorno ao Absoluto. A visão tântrica não contrapunha desejo e salvação; não negava os sentidos e os sentimentos, mas propunha controlá-los segundo uma ascese gradual e valoriza-los numa perspectiva de conhecimento e libertação que poderia ser atingida já aqui na terra, nesse corpo²⁰.

A relevância do tantrismo para o estudo ao redor da erótica é o de justamente significar o valor de uma tradição que através da fé, da mística e da iluminação consegue convergir essa experiência em verdade absoluta. A busca da verdade espiritual e do amor transcendental estão intimamente ligados a esse ideal tântrico de ver/ perceber o universo. Por isso o *Kama Sutra* ilustra tão bem essa realidade, pois conota uma visão sistemática muito próxima da filosofia proposta no *tantra*.

Para Jung, os arquétipos da alteridade *Animus-Anima*²¹ regulam toda relação polarizada, pois, são regidos por uma complacência de um encontro igualitário de potências. No tantra identificamos, em certa medida, exemplos dessa mediação. No esplendor da

¹⁹ MASSIMO, 2005:74.

²⁰ Id. Ibid.p 74.

²¹ Animus: Contraparte masculina dentro do feminino. Sentido da razão, essência masculina na relação arquetípica com o cosmos. Anima: contraparte feminina dentro do masculino. Sentido da sensibilidade, essência feminina na relação arquetípica com o cosmos. SILVEIRA, Nise da. Jung – Vida e obra. 2. ed. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1975. p 97.

realidade tântrica existe um aspecto masculino e um outro feminino e seu simbolismo é representado através da união sexual, dessa forma nos aproximamos da realidade do ecomunitarismo. Portanto, percebendo esse movimento de ‘evolução’ cósmica percebemos que essa interação proporciona o equilíbrio entre o espaço do sagrado e sua cosmovisão. “O princípio masculino do absoluto (Visnu e Siva, dependendo da seita) permanece imóvel e recolhido. A Sâkti, princípio feminino ativo, é a energia do início e do fim do universo, que produz e extingue o universo”.²²

Assim, percebemos no tantrismo elementos que darão suporte também a discussão acerca das questões de gênero que serão enfocadas também nessa análise. Nossa premissa teórica é explicar como seu deu o processo histórico-cultural ao redor da realidade oriental no que tange sua relação com a erótica.

Em uma tentativa de poder reconhecer o cenário que se construiu essa associação, isto é, identificar quais foram às premissas (religiosas) que serviram de sustentáculo, tanto da experiência indiana, como da possibilidade de verificar a manifestação de tal filosofia. Enfim, o tantra nos indicou a direção a percorrer e, ainda mais, nos revelou que é possível visualizar na erótica uma verdadeira ilustração da sintonia entre masculino e feminino (oriental) e substancialmente a reconhecer o papel da sexualidade nesse processo de investigação.

O feminino sobre o prisma oriental

Debruçar-nos-emos ao redor das *Shaktis* para refletir melhor sobre a mulher e seu papel no universo simbólico oriental. As *Shaktis*, elementos femininos, vão balizar os fundamentos da metafísica indiana, perpassando do hinduísmo ao tantra.

Dos achados arqueológicos de Harappã e de Morenjo-Daro pode-se deduzir que já no II milênio antes de cristo as populações autóctones de agricultores veneravam aquela que tipologicamente pode-se considerar uma Deusa Mãe terra [...] A lenta transformação da civilização védica fez reemergir, de maneira indireta, algumas crenças antigas. Dentre elas, o culto da Deusa Mãe²³.

Essa deusa era chamada de *Gauri* (amarela), ou *Sākambhari* (a que traz os vegetais), e às vezes é tida por *Vindhyavāsini* (a que habita os montes). O culto a essa Deusa-mãe provém

²² MASSIMO, 2005:75.

²³ MASSIMO, 2005:78.

da cultura drávida anterior à invasão ária no território indiano. É fruto de cultos domésticos e sua adoração servia para a explicação ao manejo da agricultura e da vida pastoril.

O aspecto feminino devotado à criação do universo ajuda também a entender sua relação com o sentido de imanência que a Índia nos encaminha. A *Mãe-Terra* (JUNG, 1991:32) representa uma divindade que garantia poder, pois legitimava a manipulação da vida nessa atmosfera galgada pela fusão com o espírito religioso.

As especulações do tantrismo e do movimento da bhakti encontraram uma fonte de inspiração na idéia tradicional da Deusa portadora de fecundidade, de vida e protetora do Dharma. A antiga 'mãe' divina assumiu as conotações religiosas de 'esposa' de deus e o tema da fecundidade transformou-se no simbolismo da união sexual, com formas de intenso erotismo²⁴.

As interpretações do tantra a respeito das relações com a erótica insinuam essa identificação que está disposta na citação, a respeito da mulher e fecundidade. Pois, parte da especulação filosófica que transpõe em uma dimensão metafísica o ato amoroso para exprimir a união do efêmero com o absoluto, do ser humano à idéia de transcendental, do múltiplo ao uno, em um movimento de cumplicidade entre as potências. As *Shaktis* de certa forma vão simbolizar também o princípio feminino como sendo as consortes²⁵ dos deuses que compõem a *trimurti* hindu²⁶.

A presença das *shaktis* na *trimurti* hindu exerce exponencial importância. A potência geradora está imbricada profundamente na natureza dinâmica e feminina do sagrado, sem o aspecto feminino a idéia de deus é inerte. A *shakti* é que acorda o masculino (elemento) do êxtase profundo, libertando as formas da existência gerando a vida do universo.

No panteão dos deuses hindus ainda podemos citar: *Aditi*, infinito ou mãe dos deuses; *Chandra*, a lua; *Devi* ou *Mahālāsa*, grande ativa; *Mohini*, aquela que se envaidece; *Mahamaya*, grande ilusão, *Yogesvari*, senhora da *yoga*; entre outras.

²⁴ Id. Ibid. p 79.

²⁵ Sarasvati princípio criador (shakti de Brahma); Lakshmi princípio preservador (shakti de Vishnu); Parvati princípio destruidor ou transformador (shakti de Shiva), Parvati também é representada por Umã, Durgã e Kali. STODDART, Op. Cit. p 35.

²⁶ Trimurti é a trindade divina do Hinduísmo, é composta pelos três principais deuses: Brahma, Vishnu e Shiva. Sendo Brahma a força criadora, Vishnu a força preservadora e Shiva a força destruidora ou transformadora. O conceito de Trimurti tomou maturidade, na compreensão dos textos védicos, na época do chamado período Purânico. A Trimurti significa o caminho cíclico do tempo Hindu. Embora Vishnu e Shiva atraíam fortes cultos e adorações, o Senhor Brahma tende a arrastar-se para um plano secundário, como um deus criador. Frequentemente, a Trimurti é retratada como uma figura de três cabeças, devido a uma encarnação dela em Datatreya. Na Trindade do hinduismo são três deuses formando um só., Brahma é o Criador, assim como o "Pai". Vishnu é o protetor que encarna na Terra, assim como o "Filho". A diferença é que ele vem a Terra em várias encarnações, sendo as três últimas como Rama, Krishna e Buddha. Shiva, como o Espírito Santo, é quem destrói as coisas ruins para renovar o Universo. . MASSIMO, Raveri. Índia e extremo Oriente: via de libertação e da imortalidade. 1. ed. São Paulo: Hedra, 2005. p 87.

Temos que levar em consideração que o panteão hindu é bastante vasto e que existem mais de dois mil deuses dependendo da região e da devoção. O importante é grifar que tanto as *shaktis* como as deusas estão associadas à *Prakriti* (substância) o princípio feminino.

Dessa forma, vislumbramos as tenras distinções entre as representações femininas no oriente, em uma tentativa de salvaguardar o teor dessas relações. A intenção agora é concentrar os valores relegados à mulher e aproximar ao ecomunitarismo essa possível vinculação, apoiando-se nos princípios de *Prakriti e shakti*, já somos capazes de estabelecer estas inter-relações com o feminino e o universo permeado pelo cenário oriental que está contido na erótica.

A Erótica no Ecomunitarismo

O *Ecomunitarismo* é uma ordem social utópica pós-capitalista que tem por sustentáculo três normas éticas²⁷ que a fundamentam enquanto realidade. Segundo Sírio Lopez Velasco, a ética argumentativa se debruça no questionamento: *Que devo/devemos fazer?* Nesse sentido, podemos aproximar a realidade fantástico-mitológica do imaginário oriental a essa perspectiva, que percebe no ser humano uma complacência de potências ao redor da erótica.

A primeira norma diz que devemos zelar pela nossa liberdade individual de decisão; a segunda fala que devemos viver consensualmente essa liberdade; e a terceira nos remete que devemos zelar pela preservação-regeneração da natureza. (LOPEZ VELASCO, 2002: 41).

Em torno da erótica percebemos uma preocupação em situar o sujeito vivente no *ecomunitarismo* em localizar-se nesse contexto. Nesse sentido, reconhecemos que a dimensão erótica compreende e calca a relação do indivíduo na sua relação com o outro, permeando o universo da afetividade, da interconexão sexual e da consensualidade (FOUCAULT, 1993:47).

Para tanto, ao invés de dialogarmos com Freud, acerca do problema da sexualidade, optamos em realizar essa discussão com Jung, pois percebemos que a vinculação à atmosfera que compreende a mística oriental, participa da visualização das experiências *heteroeróticas* e

²⁷ A primeira norma obriga-nos a lutar contra toda instância de repressão e/ou auto-repressão alienada de nossas vidas; a segunda obriga-nos a lutar contra qualquer relação de dominação nos relacionamentos intersubjetivos; e a terceira obriga-nos a lutar contra qualquer devastação e poluição irreversível da natureza. LOPEZ VELASCO, Sírio. “Querer-poder e os desafios socioambientais do século XXI”. In: RUSCHEINKI, Aloísio (Org.). Educação Ambiental: abordagens múltiplas. 1. ed. Porto Alegre: Artmed. 2002. p 37-46.

homoeróticas presentes nesse contexto. Assim, será através do conceito de *Animus-Anima* que poderemos focar o papel do feminino em direção à erótica.

A erótica trata das relações que se estabelecem entre os partícipes de uma relação polarizada, envolvendo a libido como teor primordial dessa ligação. De acordo com Sírio Lopez Velasco: “Ao me referir à erótica, limito-me a pulsão libidinal existente nos seres humanos, mais especificamente na porção daquela que vincula indivíduos humanos entre e cada um deles consigo mesmo”²⁸.

Nossa insinuação acerca de Jung se verifica porque percebemos que a sexualidade pode ser compreendida sob o prisma de igualdade que polariza ambos os sexos. Nesse sentido, identificamos nos arquétipos sua ligação às relações que versam discutir sobre o gênero. Vemos que no ecomunitarismo o indivíduo, seja ele homem ou mulher, deve se ater ao respeito das normas éticas, não existindo uma relação determinada de gênero. Portanto, mencionamos Jung, pois por se tratar de erótica, acreditamos que por haver relações heteroeróticas e homoeróticas, os indivíduos não precisam necessariamente estarem atrelados ao seu respectivo sexo, podendo, homem ou mulher, exercerem seu estado de anima ou animus dentro de si, sendo com o sexo oposto ou semelhante.

Dentro da abordagem erótica presente no *ecomunitarismo* podemos perceber: o *autoerotismo*, o *heteroerotismo*, o *homoerotismo* e a distinção do erótico com o pornográfico. O *autoerotismo* se remete a relação erótica do indivíduo consigo mesmo, o momento de sociabilidade libidinal do ser com o próprio ser, tem-se isso como o momento da masturbação.

[...] à luz da primeira norma da ética, para o auto-erotismo, desde que vivido em situação provisória, de alternância equilibrada com o heteroerotismo (sem descartar por enquanto a variante homossexual deste), pode reivindicar-se o lugar de um complemento episódico não-nocivo da sexualidade; em particular quando o indivíduo passa por experiências questionadoras do seu ‘eu’ ou quando não aceita nenhum ‘parceiro’ com quem julgue digno de partilhar sua sexualidade ou não encontra correspondência num possível *partner*²⁹.

Para tanto, vislumbra-se no autoerotismo a possibilidade do conhecimento do próprio corpo, no tocante que afere a este a dimensão erótica que comunga da sexualidade consigo mesmo. Portanto, o autoerotismo não viola a primeira nem a segunda norma da ética

²⁸ LOPEZ VELASCO, 2003:201.

²⁹ Id. Ibid. p 202.

argumentativa, pois estabelecem um relacionamento que atende as necessidades dos indivíduos que compactuam com si próprios dessa vivência sob a égide da erótica.

O *Heteroerotismo* e o *Homoerotismo* estão condicionados a segunda norma, porque auferem na relação com o outro, o trato da liberdade consensual tecida em conjunto para viver a liberdade de ambos partícipes do envolvimento estabelecido.

A segunda norma estabelece, pois, uma limitação muito clara na objetivação sexual do outro. Ela não legitima fazer do outro um objeto sexual, na medida em que eu mesmo me disponho a vir a ser objeto sexual para ele. De fato, contra a mercantilização do corpo como ‘objeto sexual’, o que ela estabelece implica uma mútua subjetivação sexual, na medida em que o vínculo heteroerótico (*ou homoerótico*) se apóia numa decisão livre e consensual que pode a cada instante ser questionada, modificada ou ainda revogada argumentativamente³⁰.

No vínculo que se estabelece na relação *eu-outro* percebemos a mediação que se entrecruza entre sexo e procriação. A esse respeito, denota-se na erótica uma intensa ligação com a criação, metaforicamente neste instante poderíamos aproximar a dimensão sagrada oriental ao mote investigado, porque a geração de vida também partilha de um signo sagrado que envolve o masculino e o feminino enquanto potências geradoras da vida. Sem esquecer que no ecomunitarismo a decisão da procriação tem que necessariamente atender a segunda norma. Frente ao aborto e a chamada ‘barriga de aluguel’ (no caso homossexual), estas situações violam a norma, pois implicam na decisão de terceiros que estão envolvidos nesse processo de tomada de decisão.

Ao que diz respeito à distinção entre erótica e pornografia, grifamos que essa se dá no campo da conceituação, sobretudo quando se refere à manipulação da sexualidade. A erótica se preocupa em dar conta do relacionamento do indivíduo em sua esfera libidinal que está presente na sua formação, enquanto ser que se relaciona com si próprio, com o outro e com o mundo, sendo essa atitude vivida em torno do sexo. A pornografia seria uma atividade sexual que visa propor o prazer acerca da promoção libidinal, no tocante da venda do sexo como forma de entretenimento.

Em relação aos praticantes de pornografia, essas normas estabelecem limites censuráveis quando não se verifica a livre decisão consensualmente estabelecida. Assim acontece quando os praticantes são crianças ou animais incapazes de avaliar com pleno conhecimento de causa os atos dos quais participam³¹.

³⁰ Id. Ibid. p 203-204.

³¹ Id. Ibid. p 2003: 207.

Dessa maneira, ilustramos a erótica dentro dessa ordem social utópica pós-capitalista que é o *ecomunitarismo* proposto por Sírio Lopes Velasco, realizando alguns destaques acerca da sua importância no interior dessa abordagem. É necessário agora entrecruzar a erótica *ecomunitarista* ao universo simbólico oriental, envolvendo o feminino enquanto esteio de comunicação entre essas duas perspectivas que visam discutir acerca das relações de gênero.

O signo da mulher

Fertilidade e fecundidade são dois conceitos que vem sempre associados às ações das mulheres enquanto potências femininas frente às religiões. Portanto, esse será o suporte para nossa aproximação aos encaminhamentos da erótica em torno do signo feminino.

O ato sexual na narrativa do *Kama Sutra* nos remete, a todo o momento, a idéia de manutenção do amor com a vida e com o outro revelando uma forma sublime de libertação da alma. Assim, percorremos através da literatura esses elementos que outorgam a mulher como senhora da vida, uma vez que, é através da penetração no *Yoni*³² que se dá essa aproximação ao divino.

Nos conjuntos míticos e rituais que revimos a terra é valorizada em primeiro lugar porque tem uma capacidade infinita de produzir frutos. É por isso, com o tempo, a Terra-Mãe se transforma insensivelmente numa mãe das sementes³³.

Segundo Mircea Eliade, essa é a representação da mulher com o sagrado, a gestação e o cuidado é que vão fazer do elemento feminino o grande pilar da mitologia, no nosso caso a mitologia que envolve a universalidade oriental. As mulheres sob prisma oriental vão se revelar através de formas arredondadas destacando a sensualidade como forma de representação.

As deusas como também as mulheres hindus vão revelar essa associação do belo ao místico como forma de sublimarem a esfera sagrada. Temos que entender que a metafísica das religiões credita no dualismo simbólico, um significado cultural, mas não no sentido de superior e inferior e sim por forças complementares de positivo e negativo.

Não estamos querendo dizer aqui, que não existiu divisão de gênero na Índia. Nosso olhar é a respeito da visualização feminina na narrativa simbólica que compreende o território

³² Órgão sexual feminino. Limgam é o masculino, segundo a mitologia hindu.

³³ ELIADE, 1993:211.

das mitologias, e o elemento feminino enquanto potência simbólica da esfera sagrada sempre persistiu.

O Sãktismo forma esotérica e extrema do culto, vê na Deusa o momento eterno de autoconsciência e de liberdade do Absoluto, o aspecto ‘dinâmico’ em oposição ao impassível fulgurar da consciência irrefletida de Siva, cadáver branco com quem a deusa, nua e negra, é empenhada em copular. Os Sãktatantra exaltam a sãkti no seu papel de Senhora suprema ao vértice do panteão indiano, objeto de culto nas suas várias manifestações, das quais se destaca Kali e Tripurasundari³⁴.

A realidade ocupada pela mulher nesse universo, descrito por Raveri Massimo, nos indica o caminho a percorrer. A simbologia da *Shakti* é na verdade a essência do feminino que vamos perceber em direção ao *ecomunitarismo*.

Tanto no ecomunitarismo como na premissa simbólica da mitologia oriental, a mulher faz parte do contexto, ela é peça fundamental no processo. E, a erótica, verifica sua presença como partícipe dessa relação, que não exclui o masculino em nenhum dos cenários abordados. A cosmologia hindu irá nos redimensionar a todo o momento que, entrando em contato com o *Brahman*, sem olhares preconceituosos, a fusão entre masculino e feminino no âmbito simbólico, conferem uma ação consensual entre os indivíduos que estabelecem vínculo. A erótica apóia-se no feminino e no masculino como manifestação da (re) ligação entre caos e cosmos.

Em suma, a partir desse entendimento acerca das forças que regem e manipulam o universo oriental é que poderemos conhecer verdadeiramente a essência do feminino em sua face simbólica e arquetípica que está disposta na mitologia e no ecomunitarismo. Pois, percebe no feminino um ser sem distinção. Na mitologia ela é a representação da *Shakti*; no ecomunitarismo ela faz parte da liberdade consensual, onde não está submetida aos princípios patriarcais. E chamamos Jung para o diálogo, para conferir o signo feminino (relação *animus-anima*) dentro do indivíduo que dele primar, sendo ele homem ou mulher, entendendo que feminino não é sinônimo de mulher, abarcando a experiência *homoerótica* que abarca o *ecomunitarismo*.

Considerações finais

³⁴ MASSIMO, 2005:80.

São potencialidades outorgadas às mulheres a representação simbólica ao redor da fertilidade. As nuances deliberadas pela análise nos autorizam fazer essas relações.

A mulher enquanto portadora do signo da fertilidade – tanto no território das deidades quanto no cotidiano – faz emergir a sensualidade, proposta pela mitologia oriental, da sua gênese ancestral. Estabelecendo essas associações fica mais compreensível refletir em torno das lições que estão justapostas nas entrelinhas da erótica dentro também do contexto *ecomunitarista*.

Desde o início estamos enfatizando a importância das representações simbólicas, que nos impulsionam a crer que o estabelecimento do signo feminino atrelado à fusão dos corpos entrelaçados promove a sublimação do ser à idéia de erótica pertencente a si mesmo. Assim, a essência da pulsão libidinal, que compreende essa atmosfera, nos revela sua primordial lição: “o amor à vida e a consensualidade entre os sexos”.

O ato de transmigração da alma a patamares elevados cuja atividade *yogica* se fundamenta através do ato sexual nos remete ao princípio da vida. A *samsãra*³⁵ somente acontece do fruto de *Purusha*³⁶ e *Prakriti*, sendo assim os arquétipos feminino e masculino constituintes do ser (*Ishvara*³⁷), segundo a mitologia hindu.

A dança cósmica das Shaktis nos ensina muito a compreender o verdadeiro sentido do envolvimento erótico entre ambos os sexos e, revelou também o papel da mulher nessa esfera. Porque nos fez refletir acerca do signo que se dá de várias formas, por diversas representações. Às vezes são sonhadas outras vezes são físicas, no caso da Índia são metafísicas, e no ecomunitarismo são utópicas. O importante é destacar que estas representações simbólicas denotam o sentido da *samsãra* impingindo na erótica esse caráter universal.

Aprendemos com a abordagem do *Ecomunitarismo* e do misticismo oriental que erótica e sexo não são opostos que se repudiam, mas sim, sinônimos que se completam. Verificamos que, no oriente vislumbra-se uma totalidade cósmica que imprime na relação homem/mulher, masculino/feminino uma igualdade de potências (RUETHER, 1993: 65). E nas normas da ética argumentativa uma liberdade consensual que preserva o conjunto, sem distinções entre sexos. E percebendo essas interfaces da cultura que poderemos realizar um

³⁵ Existência.

³⁶ Princípio masculino.

³⁷ Soberana existência. É o espírito divino no homem, o aspecto de total compreensão da força vital em sua evolução e penetração do cosmos. É comparável a um bosque ou um oceano que tudo contém. Também se dá o nome de *Ishvara* à mônada vital, porque é uma faísca de pura luz divina transcendente, e participa da onipotência da divina essência.

estudo de gênero que realmente tenha o compromisso de não segregar nenhum sexo, e sim tecer em conjunto a sua participação na produção de vida saudável no planeta.

Referências Bibliográficas

CAPRA, Fritjof. O Tao da Física. 5. ed. São Paulo: Cultrix, 1998.

EBERSOLE, Luke. “Sobre o Sagrado”. In: SILVA, Benedicto (Coord.). Dicionário de Ciências Sociais. Rio de Janeiro: Fundação Getúlio Vargas, 1986.

ELIADE, Mircea. Tratado de História das Religiões. 2. ed. São Paulo: Martins Fontes, 1993.

FONTANEL, Beatrice. Sutiãs e espartilhos: uma história de sedução. 1. ed. Rio de Janeiro: Salamandra, 1998.

FOUCAULT, Michel. Microfísica do Poder. 10. ed. Rio de Janeiro: edições Graal, 1993.

JUNG, Carl Gustav. Psicologia e religião Oriental. 3. ed. São Paulo: Vozes, 1991.

LOPEZ VELASCO, Sírio. “Querer-poder e os desafios socioambientais do século XXI”. In: RUSCHEINKI, Aloísio (Org.). Educação Ambiental: abordagens múltiplas. 1. ed. Porto Alegre: Artmed. 2002. p 37-46.

_____. Ética para o Século XXI: rumo ao ecomunitarismo. 1. ed. São Leopoldo: Unisinos, 2003.

MASSIMO, Raveri. . Índia e extremo Oriente: via de libertação e da imortalidade. 1. ed. São Paulo: Hedra, 2005.

ROHDEN, Huberto. Bhagavad-Gita. 1. ed. São Paulo: Martin Claret, 2005.

RUETHER, Rosemary. Sexismo e religião. 1. ed. São Leopoldo: Sinodal, 1993.

SILVEIRA, Nise da. Jung – Vida e obra. 2. ed. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1975.

STODDART, William. O Hinduísmo. 1. ed. São Paulo: Ibrasa, 2004.

VATZYAYANA. Kama Sutra: O livro sagrado dos brâmanes da Índia. Trad. Isidoro Liseux. 4. ed. São Paulo: Edições e publicações do Brasil editora S.A., 1930.